

“COURO É OURO: AS POLÍTICAS PATERNALISTAS DO CURTUME MOMBELLI E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL DE SEUS TRABALHADORES (TAPERA/RS, DÉCADAS DE 1930 E 1950)”

Cecilia Soares Mombelli¹

Ao estudarmos a formação da identidade dos operários do Curtume Mombelli nas décadas de 1930 e 1940, estabelecimento industrial localizado na Vila Tapera, na zona rural de Carazinho (RS), nos deparamos com o relacionamento estreito entre empregados e patrão, próximo ao familiar. O dirigente era muitas vezes reconhecido por patrocinar benefícios como saúde, moradia, educação e lazer. Isso incentivava a permanência dos empregados e evitava protestos, como demonstra a ausência de organizações formais dos trabalhadores ou greves. Essas políticas paternalistas, como assinalam diversos autores, reforçam a autoridade do proprietário e asseguram a integração do trabalhador ao processo produtivo.

Michelle Perrot, ao pesquisar a industrialização na França do século XIX, chama atenção para essa idealização, por parte dos operários, da figura do pai/patrão, que proporciona emprego a seus “filhos”, participa nas confraternizações, garante emprego aos familiares do empregado, o que acaba se refletindo em um sentimento de orgulho da empresa na qual trabalham. A historiadora considera essa relação familiar de difícil rompimento, pois, nela, a demissão ou o protesto têm um caráter mais dramático, de “dilaceramento do tecido familiar, revolta contra o pai, mais difícil do que a coalizão contra um empregador comum” (PERROT, 1992:83). Isso explica, em parte, a ausência de greves e protestos no chão de fábrica em empresas gerenciadas desse modo. Para considerarmos esse sistema paternalista de dominação, Perrot aponta três elementos básicos, que levamos em conta na hora de estudar o paternalismo no Curtume Mombelli:

- 1) presença física do patrão nos locais de produção, e mesmo a moradia patronal;
 - 2) linguagem e prática do tipo familiar entre patrões e operários;
 - 3) adesão dos trabalhadores a esse modo de organização.
- (PERROT, 1992:83)

¹¹ Graduada em História pela UFRGS em 2010. Trabalho de Conclusão de curso soa orientação do prof. Benito Bisso Schmidt.

Essas características são facilmente encontradas na relação de Guido Mombelli com seus funcionários, o que é perceptível, por exemplo, quando os mais próximos sentavam na mesa de jantar da sua casa, e até mesmo nos casamentos com os membros da família proprietária. Além disso, ele era um dos primeiros a chegar na fábrica e conferia todas as atividades constantemente. A identificação com o local onde trabalham e com o seu patrão é outro ponto a ser levado em conta na hora de se refletir sobre a identidade desses operários e seu comportamento no cotidiano.

Ao fornecer vantagens a seus empregados, o patrão pode interferir na formação identitária de seu proletariado, gerando a submissão a suas determinações. Essa imagem paternal construída, como coloca Margareth Rago (1985:34), reforça a sua autoridade e garante a fidelidade do trabalhador, visto que a repressão e a punição não se apresentam como soluções em todos os momentos. A partir disso, a pergunta que esse trabalho se propõe a responder é: de que forma a dominação paternalista se dava no cotidiano desses operários e como ela contribuiu para a formação da sua identidade?

Partimos, para essa exploração, dos livros publicados por moradores sobre a história da cidade e de fontes orais. Os depoimentos dos operários do Curtume, bem como de seus proprietários, contribuem sobremaneira para a análise das políticas paternalistas. Mais do que isso, os relatos nos permitem perceber o papel que essas políticas exerciam nos cotidiano de seus funcionários. Assim, “as questões devem, de alguma forma, levar em consideração e expressar a preocupação com as versões dos entrevistados sobre os acontecimentos e temas investigados”(HARRES, 2008:109)

Todo mundo dava graças a Deus porque tinha o Curtume”²

No interior do país, longe dos grandes centros urbanos, as especificidades proporcionadas pela proximidade das comunidades locais com as fábricas e pela precariedade do meio acrescentam outros aspectos às condições de trabalho e às relações de dominação. Nesses casos, seguidamente a presença de uma grande indústria é vista como única oportunidade de emprego e melhoria das condições de vida, como portadora do progresso e sustento para as pequenas vilas e cidades. Distantes dos grandes centros onde estão os serviços públicos, os investimentos, a fiscalização, o

² Entrevista com Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

movimento operário e o mercado consumidor, tais indústrias podem ocupar uma importância maior do que apenas a de fonte de renda, participando ativamente da vida da localidade e do cotidiano de seus empregados.

Trabalhando como representante comercial em Porto Alegre, Guido Mombelli pernoitou na localidade de Tapera, oitavo distrito de Carazinho. Ali existia uma selaria e um curtume. Entrou em contato com seus proprietários, oferecendo a referida máquina como entrada na sociedade, fundando em 1924 a firma Pizzato, Bini, Mombelli & Cia Ltda (TAPERA, 1996:140). Esse percurso individual pode ser melhor compreendido quando se leva em conta o processo mais amplo de industrialização do Rio Grande do Sul. Como mostra a bibliografia, o capital empregado nas primeiras indústrias do estado era originário do comércio, resultado das trocas de gêneros coloniais entre o centro e o interior, por intermédio do comerciante. Este “controlava as compras dos produtos da região e a venda dos artigos não-coloniais importados dos centros maiores de forma quase exclusiva” (PESAVENTO, 1985:30). Tal acumulação foi posteriormente investida na industrialização, sendo que o comerciante entrava, muitas vezes, com dinheiro ou máquinas num negócio já existente.

A partir de então, o Curtume prosperou intensamente durante o período de comando de Guido Mombelli, consolidando-se como a principal indústria da localidade, fonte de emprego e melhorias urbanas para a vila, tais como escola e luz elétrica. O crescimento foi proporcionado também pelo direcionamento, naquela conjuntura, da economia brasileira para a industrialização. A crise de 1929 e a Revolução de 1930 deram início à transição de um padrão de desenvolvimento capitalista fundamentado na agroexportação para um modelo baseado na indústria (PESAVENTO, 1985:74). Segundo Pesavento, durante a Grande Depressão, as desvalorizações cambiais sucessivas colaboraram para a formação de uma certa proteção às manufaturas, na medida em que aumentavam o preço dos produtos importados. Junto a isso, tem-se a ascensão de novos grupos sociais ao poder político, como uma burguesia agrária não-exportadora e militares, que defendiam o interesse nacional como um todo, incluindo os comerciantes e industriais. A expansão do Curtume, como a da maioria das indústrias gaúchas da época, portanto, se deu principalmente com a II Guerra Mundial. Este período é lembrado pelos moradores de Tapera como o de maior atuação do Curtume, atraindo mão-de-obra de fora para trabalhar nos três turnos – manhã, tarde e noite.

As Indústrias Reunidas Alto Jacuí, de propriedade de Guido Mombelli, eram compostas por diversos segmentos, como fábricas de cadeiras, sabão e cerâmica, construtora, sapataria, atafonas e o carro-chefe de todas, o Curtume Mombelli & Companhia, além de outro curtume em Santo André, em São Paulo. Foi essa mudança de orientação econômica que beneficiou a expansão do empreendimento em Tapera e favoreceu o “espírito empreendedor” de Guido Mombelli, característica sempre mencionada na bibliografia de caráter laudatório e na imprensa local, possibilitando a criação de novos estabelecimentos³. O espaço ocupado pelo empreendimento na região era realçado pelo *Jornal da Serra*, periódico de Carazinho, em 1937:

*Entre os grandes estabelecimentos que Carazinho se orgulha, incontestavelmente que ocupava lugar de destaque as importantes Indústrias Reunidas Alto Jacuí, da poderosa firma Mombelli & Cia. [...] aos poucos foi se desenvolvendo, a mercê da grande capacidade de trabalho e preparo técnico de seu esforçado e digno diretor Sr. Guido Mombelli, que sempre contou com devotados auxiliares. Montou ali um modesto curtumezinho, que dentro de alguns anos tornou-se o que era atualmente, uma das mais bem montadas e organizadas indústria de couro. Dotada de máquinas modernas e adequadas ao preparo de diferentes espécies de peles, essa indústria prosperou grandemente, atingindo alto grau de aperfeiçoamento.*⁴

O número de trabalhadores sob o comando de Guido e o dinamismo das atividades tenderam a aumentar durante a sua direção. Segundo Maria de Lourdes Mombelli: “A maior parte dos moradores trabalhava com ele. Fora desse meio era muito pobre. O pessoal procurava, porque afinal não era em todo o lugar que tinha emprego, sempre foi aplicada toda a legislação trabalhista”. Ou seja, não era apenas em função dos benefícios recebidos que os empregados eram dominados, mas também pelo cumprimento de seus direitos trabalhistas. Essa questão é explicada por Alexandre Fortes, ao analisar o caso da Renner, mas que acreditamos se adequar também para a situação do Curtume aqui estudado:

Ao contrário de outros modelos de gestão industrial paternalista implantados no país, nos anos 30 e 40, e da lógica predominante entre os empresários do Rio Grande do Sul, a concessão de benefícios, na empresa, não se fazia em detrimento do cumprimento da legislação trabalhista. (...) sua existência marcava uma nova era, defendendo que os direitos sociais deveriam superar a filantropia sem, entretanto, afetar a estrutura de poder das relações sociais

³ Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/ 2010

⁴ *Jornal da Serra*, Carazinho. 08/03/1937, p. 3.

fundamentais e o 'princípio natural da hierarquia'. O operário devia ser amparado não porque seu patrão se tenha condoído de sua sorte, mas porque é um direito que lhe é reconhecido (FORTES, 2004:204).

Aliado aos benefícios e ao cumprimento das leis trabalhistas, o fornecimento de emprego se constituía na principal forma de dominação. Afinal, não existiam outros estabelecimentos desse porte na região de Tapera. No levantamento feito pelo Plano de Ação Sesi⁵, em 1956, após a emancipação de Tapera e da morte de Guido, o Município contava com 367 operários, distribuídos em 111 indústrias. Dessas, 36 eram atafonas, 16 de beneficiamento de madeira e 14 olarias. No entanto, o maior número de operários estava concentrado numa só empresa de couro curtido e couro verde, o Curtume Mombelli & Cia, com 130 operários. Além da diferença em número de servidores, nenhuma das empresas oferecia assistência. Enquanto isso, o Curtume proporcionava “aluguel a Cr\$200,00 em média de 80 casas de madeira de propriedade da firma. Adiantamento de salário em caso de doença”⁶.

Em todos os depoimentos, o patrão aparece como uma pessoa boa e seus negócios, bem quistos pela cidade, pois davam trabalho aos seus moradores. Sempre que questionados sobre possíveis críticas à Indústria, os entrevistados negaram enfaticamente que houvesse quem reclamasse, já que os empreendimentos traziam desenvolvimento para a localidade. Por vezes, eles comentavam que existia mau cheiro ou poluição das águas, mas que a comunidade aceitava o incômodo em função dos benefícios oferecidos por Mombelli. Devido aos produtos químicos utilizados na curtição do couro, o arroio da cidade tornou-se inapropriado para banho. Também o cheiro forte e desagradável que saía da fábrica infestava o ar, deixando a cidade com um péssimo odor. No entanto, de acordo com os depoentes, esses prejuízos eram aceitos pela maioria e aparentemente compensados pelo crescimento econômico. Ilda Brunori sintetiza bem esse pensamento:

Não tinha o que falar dele, era um homem muito bom. E antigamente todo mundo dava graças a Deus porque tinha esse Curtume. Também, era o único lugar que dava serviço, era difícil pessoas que não trabalhavam ali. Agora [depois de 1997, com os novos donos] estão criticando por causa do cheiro, falam que eles não pagam bem.

⁵ Plano de Ação Sesi. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

⁶ Plano de Trabalho Sesi: 1956. Biblioteca da Fiergs.

*Pagam um salário mínimo porque são obrigados. Antigamente eles ganhavam bem, principalmente os mais qualificados, era bem mais que o salário mínimo*⁷.

Nos depoimentos, todos apontam para a jornada extensiva de 12 horas diárias de serviço, de segunda a sábado. O Curtume estava sempre em funcionamento e os empregados eram acordados durante a noite para atenderem as demandas: “Eu morava aqui, era pertinho. Eles vinham de madrugada me chamar para eu dar dinheiro. Eles não tinham a chave do cofre, quem tinha era só eu. Pra mim era uma honra, ter a confiança”⁸.

Apesar de oportunizar empregos, as condições de trabalho no chão da fábrica eram difíceis e sofridas. Os primeiros dias de Egon não foram fáceis, como ele mesmo relata, devido à pobreza em que vivia e à diferença existente entre o trabalho agrário e o fabril. Se antes ele podia contar com a ajuda do meio natural para sanar as dificuldades, como uma fogueira para se esquentar ou árvores frutíferas para se alimentar, agora precisava se adequar ao chão gelado e úmido e ao horário para as refeições:

*Era frio, frio, frio. Naquele tempo a gente era muito pobre, tinha só umas roupinhas qualquer. Na roça a gente tapeava, fazia um foguinho aqui e ali, para se esquentar. No Curtume não, a gente tava mal de roupa. Olha, o que a gente sofreu. A gente sofreu bastante. E depois para fazer o Curtume, porque eu ajudei a fazer desde o início, era muito úmido, uns banhados. A gente tinha que cavocar, máquina não existia, era tudo a mão. Foi feito com muito sacrifício para chegar até onde tá hoje*⁹.

A presença de Guido no local de trabalho, sendo o primeiro a acordar com o apito do Curtume, é lembrada por todos. Isso era facilitado pelo fato de sua casa localizar-se na frente da fábrica; por isso, qualquer barulho era escutado por ele. Além da presença, a comunicação era sempre constante com os empregados, valendo-se de uma linguagem direta e compreensível aos dois lados. Essa aproximação consolidava os laços semelhantes aos familiares, como foi apontado acima. São esses comportamentos que contribuem para a adesão dos trabalhadores à empresa e para o funcionamento de seu modo específico de dominação. Encontramos aqui os elementos básicos apontados por Michelle Perrot para caracterizar o paternalismo, citados na introdução.

⁷ Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/ 2010.

⁸ Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

⁹ Entrevista de Egon Gegnagel, Tapera, 02/10/2010.

Nos terrenos que comprou ao redor do Curtume, Guido Mombelli construiu casas para seus funcionários. Muitos vinham de fora e não tinham onde se instalar. As edificações da Vila Operária, reconhecidas visualmente pela cor azul, eram de madeira, fabricadas pela construtora também de propriedade de Guido Mombelli. Delas, era cobrado aluguel, descontado mensalmente no final do mês da folha de pagamento. Na década de 1950, contava-se com 150 casas¹⁰. O terreno não era cercado, localizando-se dentro da cidade e em contato direto com outros moradores.

A vila operária é uma forma específica de dominação, com controle direto não somente da produção, mas também de outras esferas da vida fora da fábrica. No caso do Curtume, a missa do domingo, por exemplo, era celebrada na capela da vila e os bailes eram comemorados no Salão Azul, feito por Guido, animados pela Banda Aurora, com o chefe tocando bombardino. Depois do trabalho, os operários continuavam na propriedade do patrão, devendo seguir as regras por ele estipuladas. Nestes casos, a autoridade do chefe permanece, como coloca José Leite Lopes, com o aumento da abrangência de sua ação sobre as condições de existência de seus trabalhadores, de sua presença no dia-a-dia dos empregados (LOPES,1988:38).

São esses benefícios que arregimentam os funcionários e fazem com que eles se sintam parte de uma família e mais próximos do patrão. Para que isso aconteça, a imagem do proprietário benfeitor precisa ser construída, afirmando sua posição e autoridade. Os atos rotineiros de Guido, como chegar cedo à empresa, vistoriar e cumprimentar os funcionários, bem como a repetida frase “Couro é ouro” dita por ele, são alguns dos comportamentos que reafirmam a sua presença e comando. Para Leite Lopes (1997:184), a teatralização da dominação é utilizada pelo patronato para legitimar a sua posição de mando, impondo uma nova dominação industrial diferenciada da rural. Seguindo a linha de E. P. Thompson (1998:62-85), o autor afirma que uma série de rituais e simbologias é diretamente identificada com o patrão e contribui para a sua mitificação.

A moradia era também utilizada como forma de atrelamento da mão-de-obra, para evitar que seus funcionários saíssem para trabalhar em outras indústrias. Foi o que aconteceu com Egon Gagnagel, quando o Curtume Fasolo, de Bento Gonçalves, lhe fez

¹⁰ SESI. **Plano de Ação Sesi**. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs), p. 47.

uma proposta de trabalho, duplicando seu salário. A fim de continuar com o empregado que conhecia as máquinas, Guido prometeu-lhe facilitar a propriedade da casa e do terreno, com o pagamento das prestações apenas no final do ano, quando recebia as gratificações pelas vendas de couro. Para isso, era preciso assinar um contrato de cinco anos, como garantia de sua permanência na empresa:

Eu assinei o contrato de cinco anos, cinco anos eu tinha compromisso com ele, não podia sair. Com aquilo, eu pagava a casa e os terrenos. Depois, quando ele ficou mal para morrer, ele me mandou chamar, lá na cama dele onde ele faleceu, na casa dele. Eu tive de encostar o ouvido em cima da boca dele para escutar o que ele estava falando. Diz ele: “Egon, eu mandei o Vicente, era o genro que assumiu no lugar dele, eu mandei o Vicente tirar a escritura da tua casa”. E no outro dia ele faleceu. Pra mim era um patrão muito bom¹¹.

O controle do tempo era estendido para a vida particular dos empregados. Egon, como foi dito, participava do conjunto musical da cidade que animava os bailes da região. Muitos deles aconteciam nos dias da semana e duravam até de manhã cedo, prejudicando o desempenho na fábrica. Para evitar esse problema, Guido Mombelli proibiu o empregador de tocar:

Quando eu tinha o contrato de 5 anos, eu tocava num conjunto. Então ele me proibia, pra não falhar muito. Tocava a noite inteira e no outro dia tinha que tá no serviço. E depois, quando ele entrou na banda, me mandou chamar. Eu fui no escritório e diz ele: “Egon, pode tocar teu baile”. Me deu licença de novo para tocar.

A proibição durou até a fundação da Banda Aurora, quando Egon foi convidado a tocar junto com o chefe. O tempo do trabalhador, portanto, é pago pelo patrão e cada minuto a menos significa dinheiro posto fora. Thompson discute esse ponto, ao tratar da passagem da orientação por tarefas realizadas para o trabalho com horário marcado:

Essa mediação incorpora uma relação simples. Aqueles que são contratados experienciam uma distinção entre o tempo do empregador e o seu “próprio” tempo. E o empregador deve usar o tempo de sua mão-de-obra e cuidar para que não seja desperdiçado: o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta.(1998: 272)

A indústria, como principal fonte de emprego na localidade, desempenhava um importante papel dentro da comunidade, ao fornecer trabalho e atender demandas

¹¹ Entrevista de Egon Gegnagel, Tapera, 02/10/2010.

sociais como educação e energia elétrica. Para Alexandre Fortes, companhias como o Curtume Mombelli eram “provedoras de emprego, de oportunidades socioeconômicas derivadas do seu impacto sobre o crescimento local e o atendimento de demandas sociais dos seus trabalhadores e das respectivas famílias” (FORTES, 2004:202). Aliado a isso, o padrão carismático e participativo, presente no local de trabalho e nos eventos sociais, exercia uma posição de liderança junto aos moradores.

2.2 Reconhecimento pelo trabalho

Percebemos a eficácia dessa forma de controle quando ela é interiorizada pelos dominados e expressa nas suas falas, memórias e na construção de sua identidade. Esse controle é demonstrado através dos “[...] símbolos escolhidos pelos trabalhadores locais quando compõem uma história incorporada ao seu grupo social, e que dão sentido e vida à forma específica de dominação a que estiverem submetidos a maior parte de suas vidas” (LOPES, 1988:32). Essa interiorização é expressa na identidade dos empregados, em consonância com o lugar e com as pessoas que compõem o seu dia-a-dia.

Seguimos as reflexões elaboradas por E. P. Thompson (1997:10), expandindo a análise da identidade para além do trabalho, envolvendo igualmente as condições materiais de existências e as relações cotidianas, dentro do processo de reconhecimento como classe. A construção identitária é dinâmica e se dá mediante o contato com outros grupos sociais, como os patrões ou membros da comunidade que não desempenham a mesma profissão. Ela também é articulada com as tradições, sistemas de valores e formas institucionais vigentes. No caso de Tapera, a cidade circunda a fábrica, contando com outras atividades produtivas que influenciam na formação da identidade de seus trabalhadores. Diante desse quadro, levamos em conta o questionamento de Regina Weber sobre a utilização do termo classe para esses trabalhadores das indústrias da cidade, considerando outros fatores como mais importantes para a formação de sua identidade:

Mas é possível falar em classe operária – e quiçá em movimento operário e consciência de classe – para referir-se a um contexto em que as relações de trabalho são marcadas pelas relações pessoais, onde a organização sindical se dá tutelada pelo Estado e pela Igreja, onde falta aos trabalhadores uma experiência de sua condição, pois quase sempre seus pais não foram e seus filhos poderão não vir a ser “operários”, onde são fortes os apelos aos laços étnicos? O próprio termo “operário” passou a ser evitado, dando-se preferência a outro, trabalhador, menos marcado e, portanto, menos reificado por uma tradição política (WEBER, 2002:26).

Essa problematização será fundamental no desenvolvimento do nosso trabalho, para não cairmos na falácia de procurar uma identidade operária quando ela ultrapassa a classe para abranger outros aspectos.

Priorizaremos dois aspectos na análise da construção identitária, conforme nos indica Isabel Aparecida Bilhão (2005:33) no seu estudo sobre os operários porto-alegrenses: o reconhecimento e a memória coletiva. O primeiro se daria a partir das ações práticas, em condições objetivas, como o local de trabalho, o lazer e as apresentações públicas. Nesses espaços, se constituiria uma aceitação das características unificadoras do grupo, fundamentadas no discurso identitário e nas propriedades econômicas ou culturais em comum, como aponta Bourdieu (1989:117)

A construção de uma identidade comum dos trabalhadores do Curtume Mombelli foi baseada nos acontecimentos, vividos pessoalmente ou não, que possibilitaram a criação de uma identificação com o ambiente de trabalho e com patrão. Para Pollak (1992:03), a identidade é a imagem que a pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, o que ela mostra aos outros e a si mesma. A construção da identidade, segundo ele, se produz em referência a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade.

Em Tapera, a construção da identidade dos trabalhadores é permeada pela história oficial, na forma como ela foi mantida e reforçada pela família e pela empresa, e institucionalizada através de livros e periódicos. As falas coletadas nas entrevistas por nós realizadas reafirmam o que já foi narrado e refletem a interiorização da dominação. Como coloca Leite Lopes (1988:32), são os símbolos que os trabalhadores acrescentam a sua história, percebidos nesse caso quando se exalta a bondade de Guido Mombelli e se agradece por tudo o que foi individualmente conquistado à empresa, como a moradia, a oportunidade de educar os filhos, os medicamentos e a possibilidade de sair da pobreza em que se vivia antes do ingresso no Curtume. A seletividade da memória, portanto, privilegiou os benefícios recebidos ao longo do tempo de serviço, ao menos nas falas “públicas” dos empregados.

Pollak (1992:202) aponta ainda para a existência de algumas designações atribuídas a determinados períodos, que aludem diretamente a fatos de memória, e que vão para além da simples descrição dos acontecimentos históricos. Assim, em função das experiências de cada pessoa, de sua inscrição na sociedade, as datas da vida privada

e da vida pública vão ser ora assimiladas e articuladas, ora separadas, ou mesmo vão “faltar” no relato ou na biografia. Para Egon, por exemplo, o dia do seu ingresso no Curtume, repetido em diversos momentos da conversa, “primeiro de julho de 1941, nunca mais vou esquecer”¹², foi marcante para ele. Da mesma forma, a data da morte de Guido Mombelli inscreveu-se na sua memória, pois um dia antes ele havia visitado o patrão e estabelecido o compromisso, já referido, de ganhar a escritura da casa:

*Isso marcou bastante. Quando faleceu o véio Mombelli, tristeza que nós tinha, o patrão. Um dia antes eu fui visitar ele e ele me falou que mandou tirar a escritura da casa, nem tava pago. Aquilo me marcou muito. No enterro o Curtume parou, me parece que foram dois dias.*¹³

Para Ilda Brunori, um dia inesquecível, lembrado nos primeiros momentos da entrevista, foi o da entrega da chave do cofre nas suas mão, que ficou sob sua responsabilidade todo o tempo em que permaneceu no cargo: “Trabalhei 30 anos lá dentro, ganhando bem, porque logo que eu entrei lá dentro e quando eles me deram a chave, o meu salário também foi lá em cima, ele aumentou. Teve gente que ficou braba, e eu fui ganhando mais.”¹⁴

No caso estudado, percebemos nas falas a proximidade com o patrão e seus filhos, a orientação direta que eles davam para o trabalho e para o comportamento que os empregados deveriam ter. Isso aparece em falas como: “O véio Mombelli me botou de chefe do setor”¹⁵; ou: “Ele me entregou a chave do cofre”¹⁶. Os funcionários do Curtume também se colocam como colaboradores para o sucesso da empresa, já que teriam ajudado a erguer a fábrica: “Eu ajudei a fazer todo o Curtume”¹⁷. Essas frases revelam o reconhecimento dos trabalhadores da centralidade, prática e simbólica, que a empresa tinha em suas vidas, o que era retribuído na colaboração que davam para o seu sucesso. Tal reconhecimento tinha também uma contrapartida quando o patrão reconhecia o funcionário e o seu papel na empresa. Assim, os trabalhadores se viam

¹² Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

¹³ Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

¹⁴ Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

¹⁵ Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

¹⁶ Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010

¹⁷ Entrevista de Egon Gengangel, Tapera, 02/10/2010.

como operários do Curtume Mombelli em função da confiança neles depositada pelo patrão.

Tais questões são assim explicadas por Pierre Bourdieu:

[...] o efeito de reconhecimento que o fato da objetivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discurso, que anuncia ao grupo sua identidade, está fundamentado na objetividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas que eles têm em comum. (BOURDIEU, 1989, p.117).

A presença do prédio do Curtume no centro da cidade, bem como o apito que todos escutavam e marcava os horários de trabalho e descanso, dão forma à memória de seus trabalhadores. Com exceção de Anildo Sarturi, que hoje reside em Porto Alegre, a moradia dos demais trabalhadores entrevistados fica ainda hoje próxima às instalações da indústria e, por isso, eles passam diariamente pelo local onde trabalharam por anos. Segundo o neto Ricardo Mombelli, essa era a intenção de seu avô, Guido Mombelli, garantir a sua permanência, depois de morto, através do Curtume:

O vô tinha uma grande afeição pelo Mombelli. Uma idéia de que, enquanto tivesse a Mombelli, estaria ele presente. Quando ele teve câncer, dividiu o capital e deu a parte maior para o pai, o tio Plínio e o tio Vicente. Os outros ganharam mais terra, casas, outros bens, títulos da dívida pública. Para que tivesse uma ligação maior, uma responsabilidade pela continuidade.¹⁸

O contraste entre estar empregado no Curtume e a pobreza do meio em que se encontravam antes de trabalhar na empresa foi muito ressaltado nos depoimentos dos operários. Nessa perspectiva, o trabalho no Curtume era visto como garantia de melhoria de vida: “Eu não tinha outro lugar para ir, porque não tinha possibilidades financeiras de estudar fora, de fazer ginásio. Quando terminei o quinto ano, eu pensei comigo mesmo: vou trabalhar no Curtume, pelo menos”¹⁹. Fora do trabalho, o cotidiano é retratado como pobre, triste e difícil: “Era assim naquele tempo, não tenho saudades da minha infância”, diz Ilda Brunori, referindo-se ao passado, quando sua família era pobre. Isso aparece como diferente dos dias de hoje, quando gozam, afirma ela, de uma aposentadoria tranqüila, com os filhos e netos formados na Universidade, oportunidade que ela e seus contemporâneos não tiveram. De forma geral, a vila fora da Indústria é

¹⁸ Entrevista de Ricardo Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

¹⁹ Entrevista de Anildo Sarturi, Porto Alegre, 29/10/2010

lembrada como “muito pobre”, conforme deixa transparecer os depoimentos de Maria de Lourdes: “Fora desse meio era muito pobre, não tinha onde trabalhar”²⁰

Maria de Lourdes e Ilda trabalhavam no escritório, longe da “imundice” da fábrica. A oposição entre o ambiente administrativo e o local da produção também é constante nas recordações dos funcionários, inclusive para Egon, que trabalhou 60 anos junto aos couros. A fábrica é sempre retratada como um lugar sujo, de trabalho pesado, o que era reconhecido pelo chefe:

O Plínio [filho de Guido Mombelli] estudava em São Paulo e não queria mais estudar. Eu tava presente quando o velho Mombelli pegô ele: “Oh Plínio, agora escolha. Ou tu vai trabalha naquela sujeira lá do Egon, naquela seção braba ou tu vai estudar. Pode escolher agora.” Daí ele foi estudar de novo. Porque aquela seção era a mais braba que tinha, molhado, molhado. A única coisa que acontecia muito é que comia muito os dedos, os produtos químicos. Até esse dedo eu perdi numa máquina. Embaixo da unha começava de comer. Era bastante difícil, mas a gente agüentô. Nós não tinha uma outra saída.²¹

Não ir para perto dos couros, da sujeira e do trabalho duro foi a “sorte” de Ilda, mas de suas irmãs: “Nós éramos oito mulheres na minha família. Não tinha trabalho para todas em casa. Eu fui a privilegiada. Algumas trabalharam no Curtume, lá dentro, nos fundos, naquela imundice. E eu fui a única que não precisei trabalhar lá dentro.”²²

É com base no trabalho prestado no Curtume Mombelli e na suposta proximidade com o patrão que os funcionários construíram sua identidade. O reconhecimento pelos serviços prestados e a confiança depositada no seu caráter e na sua capacidade profissional faziam com que eles se orgulhassem dos esforços e do trabalho árduo desempenhado para ajudar no crescimento da Indústria, uma das mais importantes da região, cercada de “muita pobreza” por todos os lados. Permeando tudo isso, a “história oficial”, registrada em livros e matérias jornalísticas posteriores ao tempo trabalhado ao lado de Guido, que sempre acentuam o talento e a benevolência desse personagem, fortaleceu o sentimento de pertencimento e identificação com o estabelecimento e seu proprietário.

Esponaneamente, nas entrevistas, aparecia a ligação com Guido, o seu carisma e a atenção que ele dedicava aos subordinados. Essa relação personalizada, característica

²⁰ Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli, Porto Alegre, 07/10/2010.

²¹ Entrevista de Egon Gangenagel, Tapera, 02/10/2010.

²² Entrevista de Ilda Brunori, Tapera, 03/10/2010.

da dominação paternalista, aproxima os empregados à empresa, como discutimos ao longo do trabalho. Percebemos, com a pesquisa, que a relação com o chefe foi determinante para a formação da identidade dos trabalhadores, que se sentiam bem quistos na empresa e, por isso, procuravam desempenhar bem o seu serviço. Foi baseado nos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade e de credibilidade, propostos por Pollak, que eles construíram a sua identidade. Ou seja, eles se apresentam hoje como dedicados ao serviço, atuantes dentro da empresa e pessoas de confiança do patrão. Tais características vêm ao encontro a outro ponto proposto por Bourdieu, quando esse define a identidade: o reconhecimento, não apenas o reconhecimento da sua situação de operário e do papel que desempenhou dentro da fábrica, mas também o reconhecimento da outra classe, do diretor, pelo papel desempenhado. Eles eram vistos como trabalhadores “do Mombelli” e assumiram essa postura. Assim, seu discurso identitário está relacionado com características unificadoras configuradas pelo trabalho na empresa e suas “derivações”, como a moradia na vila azul, os bailes embalados pela Banda Aurora, a missa realizada no interior da indústria.

LISTA DE FONTES

Entrevista com Anildo Sarturi. Porto Alegre, 29/09/2010. Concedida à Cecília Mombelli.

Entrevista de Egon Gengnagel. Tapera, 02/10/2010. Concedida à Cecília Mombelli.

Entrevista de Ilda Brunori. Tapera, 03/10/ 2010. Concedida à Cecília Mombelli.

Entrevista de Maria de Lourdes Mombelli. Porto Alegre, 07/10/2010. Concedida à Cecília Mombelli.

Entrevista de Ricardo Mombelli. Porto Alegre, 07/10/ 2010. Concedida à Cecília Mombelli.:

Jornal da Serra, Carazinho. 1937 e 1952. Disponível na Biblioteca Pública Municipal Guilherme Schultz Filho de Carazinho.

ARNHOLD, Alcides José. Tapera: sua vida, suas histórias. Editora Gráfica Gespi:Tapera, 2010

BATISTELLA, Vitor. A história de Tapera. Tapera: sem editora, 1972.

BICOCCHI, Déa Mombelli. **O Senhor H**. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997, p. 10

FONSECA, Lydia Mombelli. **Tapera**. Ed. Nova Dimensão. Porto Alegre: 1987.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TAPERA. **Tapera – A caminhada de um povo**. Gráfica SEDIGRAF: Tapera, 1996.

SARTURI, Arnildo. **Menino de Aldeia**. Porto Alegre: sem editora, 2006, p. 18.

SESI. Plano de Ação Sesi. Porto Alegre, 1956. Biblioteca da Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (Fiergs).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a era Vargas**. Caxias do Sul: Edusc; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BATISTELLA, Alessandro. **Movimento operário em Passo Fundo - RS (1920-1964)**. Passo Fundo: Méritos, 2008.

BILHÃO, Isabel Aparecida. **Identidade e trabalho: uma história do operariado porto-alegrense (1898-1920)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, 2005. Orientador: Profa. Dra. Sílvia Regina Ferraz Petersen .

CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

HARRES, Marlusa Marques. História Oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 15, nº 28, pp. 99-112, dez 2008. Disponível em <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/7960/4749>. Acesso em 30/05/2010.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LOPES, Jose Sérgio Leite. **A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés**. São Paulo: Marco Zero; Brasília: Ed. Da UNB, 1988.

LOPES, José Sérgio Leite (org.). **Cultura e identidade operária**. Rio de Janeiro: UFRJ/Museu Nacional/Marco Zero, 1987.

PESAVENTO, Sandra J. **A burguesia gaucha: dominação do capital e disciplina do trabalho: RS: 1889-1930**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. 9ª. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: Riocell, 1985.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em <http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em 10/06/2010.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em www2.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 10/06/2010.

RAGO, Margareth. **Do Lar ao Cabaré**: a utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa**. 3^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. 3 v.

WEBER, Regina. **Os operários e a colméia**. Trabalho e etnicidade no sul do Brasil. Ijuí: Editora Unijuí, 2002.